

VELHOS, NOVOS E MULTILETRAMENTOS: INTRODUZINDO CONCEITOS

Iúta Lerche Vieira

RESUMO

O ensaio busca elucidar conceitos na área de estudos do letramento, situando o leitor quanto às novas práticas multimodais de escrita. Discute a problemática dos novos letramentos numa perspectiva plural e complementar aos letramentos impressos. Introduz conceitos afins e os contextualiza, apresentando definições para fins de ensino e pesquisa. Mostra como surgiu o termo multiletramentos com o *New London Group* e suas principais implicações educacionais.

Palavras-chave: Escrita multimodal; Novos letramentos; Multiletramentos; Letramentos digitais; Educação para o letramento.

ABSTRACT

This paper aims to clarify concepts in literacy study field, by making the reader aware of new multimodal writing practices. It discusses the matter of new literacies from a perspective that is both plural and complementary to printed literacies. It introduces and contextualizes related concepts by providing definitions for teaching and research purposes. It shows how the term “multiliteracy” appeared under the *New London Group*, as well as its educational implications.

Keywords: Multimodal writing practices; New literacies; Multiliteracies; Digital literacies; Literacy education.

Introdução

Este texto surgiu de uma necessidade didática: introduzir alguns conceitos pouco divulgados para o grande público e, por vezes, problemáticos, seja na dimensão teórica ou aplicada, acerca do que vem sendo compreendido como *usos sociais da escrita* e que costumam aparecer sob o genérico termo guarda-chuva “letramentos”.

As ideias aqui apresentadas tomam como pressuposta e equacionada a discussão anterior sobre letramento *versus* alfabetização, reflexão que, no Brasil, tem como expoentes as publicações de Kleiman (1995), Tfouni (1995) Soares (2000), Marcuschi (2001), Signorini (2001) e outros pesquisadores. Assim, tomamos como ponto de partida o conceito genérico de *letramento*, cuja denominação, hoje consensual, já foi incorporada ao conhecimento linguístico e pedagógico, representando um processo que vai além da decodificação do sistema alfabético da escrita e envolve seus *usos sociais*. Consideramos os letramentos como práticas e aplicações da escrita a propósitos e contextos específicos de uso, individuais ou compartilhados, expressos em gêneros que integram as transações nas sociedades letradas.

A necessidade de situar e definir os chamados multiletramentos se acentua quando levamos em conta a transição do meio impresso para o digital, onde novas práticas letradas desafiam o próprio uso, o ensino e a pesquisa e onde a velocidade das mudanças tecnológicas leva a considerar o conceito de letramento de formas “dêitica” (LEU Jr. e DONALD apud KAMIL et al., 2000) e “plural” (LANKSHEAR e KNOBEL, 2008).

Numa visão de letramento como *deixis tecnológica*, admitem-se os sentidos partilhados por usuários proficientes sobre situações de escrita cada vez mais diversificadas e específicas decorrentes das relações entre práticas de letramento e novas tecnologias ou mídias. Por sua vez, a ideia de letramentos *no plural*, referente à expansão dos usos da escrita, vem se tornando consensual em pesquisa e publicações, sendo a base em que se sustenta a obra organizada por Lankshear e Knobel (2008, p. 2). Estes autores explicam o uso do conceito no plural considerando três argumentos: a grande diversidade de descrições específicas de “letramento digital” existentes e implicações para políticas de letramento digital; a força e utilidade de uma perspectiva sociocultural no letramento como prática, segundo a qual é melhor entendê-lo como letramentos; os benefícios vindouros da adoção de uma visão expansiva de letramentos digitais e seu significado educacional.

Deste modo, se as demandas do mundo da escrita na sociedade letrada e em rede vão se expressando em gêneros e textos da vida prática, profissional, acadêmica ou artística, que se expandem no ciberespaço; torna-se igualmente necessário reunir e explicitar algumas noções introdutórias sobre esses tantos e mutantes letramentos, tomando como base o conhecimento já sedimentado sobre letramento

impresso. Vejamos alguns aspectos envolvidos nesta problemática.

1. Velhos e Novos Letramentos

Antigamente alguém era considerado “letrado” quando era erudito, versado na escrita, amante dos bons autores e coisas assim. Com os estudos linguísticos e educacionais sobre o tema, ou no âmbito da Alfabetização, o conceito de letramento ganha dimensões diferentes. Vem expressar o manejo da escrita e de outros rudimentos necessários para (sobre)viver nesse mundo da palavra, seja num papel, numa placa de ônibus, num *outdoor*, ou numa tela de computador. Nestes termos, ser letrado pode assumir aspectos mais ou menos identificados com usos práticos, racionais ou estéticos da escrita. Revela se alguém é capaz de identificar ou escrever seu nome, produzir um bilhete, uma carta, criar um poema, compreender um texto didático ou científico, entender um conto de fadas. Se sabe usar a escrita apenas no aspecto utilitário, ou se domina formas mais complexas e até poéticas de comunicação; se sabe tirar partido das tantas propriedades da linguagem ou se a usa estritamente para as situações cotidianas

Esses seriam *velhos letramentos*. E *os novos*? Na era pós-tipográfica, da multimídia, e do hipertexto, da comunicação visual e eletrônica não existe só *um tipo* de letramento, mas vários, em permanente mutação. Há tantos letramentos quanto práticas sociais de escrita: o letramento da mídia, o digital, o visual, o crítico, o familiar, o inicial, o do trabalho, o acadêmico e assim por diante...

Além de compreender e produzir textos impressos, agora também é preciso saber selecionar informação na Internet, lidar com imagens e representações gráficas, acessar e transmitir mensagens, montar apresentações etc. O ambiente virtual requer habilidades e conhecimentos para usar tecnologias no dia-a-dia, além de criar novas necessidades, gêneros escritos e também problemas. Por trás das facilidades do correio eletrônico, ou da interação em redes sociais, por exemplo, há esquemas de uso do computador e da internet, ainda não disponíveis a todos, sem falar nas dificuldades de “acesso”, seja no sentido literal, ou metafórico. A atual liberdade do leitor acaba sendo tolhida pela explosão informativa e o papel do autor é acrescido de exigências novas. Agora é importante saber tornar o texto adequado também visualmente e atingir uma boa “usabilidade” (qualidade do que é fácil de usar para executar determinada tarefa).

A fronteira entre as novas e as antigas formas de letramento está no domínio do espaço virtual e no modo de produção/difusão da informação com a tecnologia eletrônica. A saída pode estar na postura crítica, no conhecimento estratégico e na educação para a mudança.

2. Letramento Digital *versus* Letramento Impresso: rupturas ou continuidades?

Quando discutimos mudanças na tecnologia para ler/escrever são frequentes as *comparações* (semelhanças e diferenças). A questão central que tem sido colocada sobre ler/escrever na tela ou no papel é

se constituem processos iguais ou diferentes das formas de leitura e escrita convencionais.

A necessidade de *comparar* talvez reflita certa perplexidade diante das bruscas transformações que estamos vivendo, especialmente os docentes, ainda inseguros nessa transição da cultura impressa para a cultura digital, com tantos recursos novos e simultâneos, tendo que orientar alunos que chegam a lidar com a tecnologia de forma mais natural que seus professores.

A tendência a pensar sobre a linguagem estabelecendo *dicotomias* e *oposições* pode refletir, ainda, o pensamento dualista e linear a que nos condicionamos, mesmo vivenciando a hipertextualidade e as novas práticas discursivas e gêneros digitais, mostrando que não é assim que a linguagem funciona, nem muito menos o conhecimento linguístico hoje formalizado. O fato é que os estudos sobre letramento digital e hipertexto (áreas relativamente novas em pesquisa) vêm discutindo mais as descontinuidades ou rupturas entre o letramento digital e o tradicional, que suas continuidades. Contudo, esta reflexão vem avançando (VIEIRA, 2007) e assim como a visão dicotômica não explica o *continuum* oralidade/escrita (especialmente na descrição de novos gêneros), também não caberia criar uma nova dicotomia entre impresso/digital (BUZATTO, 2007).

3. Letramentos digitais: pontos de vista

Letramentos digitais constituem um conceito plural, seja em relação às práticas letradas e mídias a que remetem, seja em relação às posições teóricas usadas para fundamentá-los. Lemke (2010, p.455) define com precisão essa pluralidade, afirmando que “letramentos são legiões”. E explica:

Cada um deles consiste em um conjunto de práticas sociais interdependentes que produzem ligações e ligam pessoas, objetos midiáticos e estratégias de construção de significado [...] Cada um deles é parte integral de uma cultura e de suas subculturas. Cada um deles tem um papel em manter e transformar a sociedade, porque *os letramentos são, em si mesmos, tecnologias e não dão as chaves para usar tecnologias mais amplas* [...] (grifo nosso).

Objetivando responder se o letramento digital é igual ou diferente do letramento impresso convencional, destacamos, a seguir, três posições teóricas, sustentadas por autores que os consideram *complementares*, dentro de uma visão de *continuum* de letramentos e não de uma simples dicotomia.

a) Gomes (2006) – considera desnecessário diferenciar letramento digital (LD) de letramento impresso (LI). Para o autor, LI (ou apenas letramento) é o que as pessoas fazem com a leitura e a escrita em um contexto específico e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. LD representa *mais um nível* de letramento: envolve habilidades de leitura/escrita em ambiente virtual, através de uma interface e tecnologias mediadoras - teclado, computador e *softwares*. LDs são conhecimentos que permitem ao indivíduo participar de práticas letradas da era digital;

b) Buzatto (2007) – discute LD para além do uso do computador, refletindo sobre letramentos digitais dentro de uma perspectiva sócio-cultural, ligada à inclusão digital. Para ele, LI diz respeito à cultura impressa, refere-se a práticas de leitura/escrita *no papel* e LD implica a apropriação da nova tecnologia digital e práticas de leitura/escrita *na tela*;

c) Condemarín (2004) – posiciona-se como Gomes (2006), incluindo o letramento visual entre as práticas letradas. A autora usa a expressão *letramento pós-tipográfico* (REINKING, 1995) envolvendo ouvir, falar, ler e escrever mais o “ver”, definindo-o como: “[...] capacidade de se comunicar em forma oral e escrita, pensar criticamente, raciocinar de forma lógica e utilizar os avanços tecnológicos do mundo atual” (apud KALMAN, 1996).

Resumindo as posições apontadas temos: Gomes (2006) e Buzatto (2007), ambos discordando da necessidade de enfatizar diferenças entre letramento impresso e letramentos digitais, posto que percebem os letramentos no papel e na tela como complementares; a autora chilena Mabel Condemarín (2004, p. 24) com a mesma postura de Gomes (necessidade de *ampliar* o conceito de letramento, tradicionalmente como a capacidade de ler/escrever textos manuscritos e impressos) e incluindo neste conceito as práticas de letramento visual.

4. Multiletramentos: redefinindo práticas letradas do século XXI

O termo *multiletramentos* teve origem em setembro de 1996 no encontro de um grupo internacional de renomados educadores que, reunidos em New London, estado de New Hampshire, nos Estados Unidos, discutiu a problemática do letramento e suas implicações educacionais face às mudanças determinadas pela globalização, pela tecnologia e pela diversidade sociocultural.

Tomando como ponto de partida a constatação de que o letramento e as práticas letradas têm sido fortemente influenciados pelas mudanças locais e globais, sociais, culturais e tecnológicas, o *New London Group* iniciou suas discussões levantando características socialmente desejáveis para alguém ser considerado letrado, bem como as pedagogias necessárias para atingi-las. O foco de sua reflexão foi *o modo como* o ensino da leitura/escrita deveria responder às transformações em curso na sociedade global e delinear o futuro da sociedade global.

O grupo foi signatário de um importante manifesto - “A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures” (*New London Group*, 1996, p.25), resultante de discussões que se ampliaram ao longo de um ano. De lá para cá, muito se tem discutido a respeito, mas o tema deste manifesto pioneiro dá uma idéia do conceito e das preocupações do grupo, situando o cidadão “multiletrado” como um *designer* de seu futuro social.

O conceito de multiletramentos leva em conta duas categorias: *múltiplos modos de letramento* e *contexto*, envolvendo tanto a definição de letramento, como as implicações das práticas letradas em variados contextos da vida social no século XXI (COPE & KALANTZIS, 2000

apud ANSTEY e BULL, 2006, p. 20). O conceito remete à tecnologia, à expansão da multimídia (textos construídos usando diferentes mídias tais como jornal ou televisão) e aos textos multimodais, (materializados através da linguagem verbal e não-verbal). Sem esquecer que as práticas letradas e letramentos críticos são diretamente influenciados pela expansão social, cultural e pela diversidade linguística (NEW LONDON GROUP, 2006)

5. Definindo novos letramentos

Sem dúvida, a primeira necessidade que se coloca é dispormos de uma linguagem partilhada, capaz de explicitar diferenças entre o mundo da tela e o da página impressa, entre as tecnologias do impresso e do digital, como bem apontou Snyder (2010). Nesta seção, procuramos reunir letramentos afins, apresentando uma breve conceituação da crescente gama de práticas de escrita multimodais, com finalidades pedagógicas, ou como introdução à pesquisa na área, sem pretensão de esgotar as tipologias, ou minimizar a produtividade terminológica com que vêm sendo nomeadas. Os termos foram mantidos na forma como costumam aparecer em publicações, podendo se entrelaçar, ou sobrepor, tal como acontece com a terminologia usada para representar os gêneros (conforme os diferentes critérios tomados para nomeá-los).

Letramentos digitais (no plural) – representam conhecimentos necessários à participação em práticas letradas da cultura digital (como descrito no item 3). Segundo Gomes (2007 e Buzato (2007), constituem mais um nível de letramento, sendo *complementares* ao letramento impresso convencional. Os letramentos digitais envolvem habilidades de leitura/escrita em ambiente virtual, através de interfaces e tecnologias mediadoras - computador, telas digitais, teclado, softwares - combinados a aspectos de diversidade cultural e linguística, presentes nas apropriações da tecnologia pelos usuários. Conforme esclarecido no Portal EducaRede (2007), “o conceito de letramento, ao ser incorporado à tecnologia digital, significa que, para além do domínio de ‘como’ se utiliza essa tecnologia, é necessário se apropriar do ‘para quê’ utilizar essa tecnologia”.

Multiletramentos – referem-se às práticas sociais de letramentos multimodais, realizadas através de diferentes modos de representação, tais como texto verbal (escrito de forma linear ou hipertextual), imagem, som, gestos etc., realizadas em situações comunicativas e contextos de uso variados, envolvendo tecnologias, diferentes gêneros e mídias. A partir desse termo geral e abrangente cunhado pelo *New London Group* para se referir aos letramentos de hoje em dia, foram surgindo outros conceitos (alguns interdependentes) relativos às novas práticas letradas, complementares ao letramento impresso, assumindo denominações específicas. Sylvester e Greenidge (2010, p. 284) destacam os seguintes:

O letramento tecnológico, assim chamado por envolver habilidades necessárias ao uso de computadores e outras tecnologias da informação e da comunicação;

O letramento visual, provavelmente a forma mais antiga de letramento, presente desde os desenhos em cavernas e manuscritos medievais, aos ícones de navegação na web e às imagens em textos

multimodais contemporâneos. O termo foi cunhado em 1969 por John Debes, um dos mais importantes personagens na história da *Associação Internacional de Letramento Visual*, significando “um grupo de competências visuais que podem ser desenvolvidas pelo ‘ver’, integrando outras experiências sensoriais” (op. cit., 2010). O letramento visual tem suas propriedades resignificadas com a disseminação da tela como meio semiótico priorizado na cultura digital. É também a forma de letramento mais discutida em termos teóricos e aplicados, sendo beneficiado pelas teorias contemporâneas de multimodalidade que o fundamentam. Entre tantas contribuições, destacam-se os trabalhos de Kress (2005) e de Van Leuween (2005) e seu trabalho conjunto, de tanta repercussão (KRESS & van LEUWEEN, 2006), que tem sido referência para pesquisas e aplicações ao ensino na área.

O **letramento da mídia**, definido pelo *Ofcom* (órgão independente e regulador da indústria de comunicação no Reino Unido-UK) como a habilidade para acessar, compreender e criar comunicações em uma variedade de contextos. Ainda no entender de Sylvester e Greenidge (op. cit., p. 285), o letramento da mídia, praticado em projetos multimídia e na composição de textos multimodais, refere-se a habilidades para acessar, avaliar e criar mensagens em linguagem escrita e oral, selecionando gráficos, movendo imagens, narrando, inserindo áudio e música. O letramento da mídia também envolve habilidades de questionamento e auto-expressão, necessárias ao cidadão numa sociedade democrática;

O **letramento da informação**, visto como habilidades para encontrar, avaliar e sintetizar informação. Vale ressaltar que a web transformou quantitativa e qualitativamente o modo de lidar com a informação nos textos tradicionais e passou a exigir ainda mais habilidades de leitura crítica que as requerida nos textos planos e lineares.

O **letramento crítico**, constitui um saber central nos multiletramentos, envolvendo habilidades para ler, relacionar, avaliar e criticar textos e discursos, objetos/artefatos, imagens, experiências e práticas sociais, em diferentes contextos e ambientes, incluindo o meio digital, reconhecendo-lhes autenticidade/ autoria ou remixagem, aspectos ideológicos, culturais e políticos subjacentes ou explícitos. Como advertem Cassany e Castellà (2010), é um conceito ainda pouco preciso, vez que incorpora a amplitude conceitual de *crítico* e de *criticidade* em várias disciplinas e campos do saber, em diferentes momentos históricos: na didática da língua (*compreensão crítica, leitura crítica*), na educação (*pensamento crítico, pedagogia crítica*), nas ciências da linguagem (*Análise Crítica do Discurso*), bem como na filosofia e nos estudos culturais.

6. O cidadão multiletrado e os desafios educacionais

Trazendo a discussão conceitual para a esfera educacional, duas questões centrais se destacam: (a) O que caracteriza uma pessoa “multiletrada? (b) Que implicações educacionais os multiletramentos trazem? Para Anstey e Bull (2006):

(...) Esta definição (de multiletramentos) leva à conclusão que uma pessoa multiletrada é flexível e habilidosa (domina estratégias), tem um repertório de práticas letradas, é capaz de usar textos tradicionais e novas tecnologias de comunicação” [...] com responsabilidade social, em um mundo social, cultural e linguisticamente diverso, participando plenamente da vida como um cidadão ativo e informado (p. 19).

Dionísio (2005) afirma que “[...] na atualidade, uma pessoa letrada deve ser uma pessoa capaz de atribuir sentidos a mensagens oriundas de múltiplas fontes de linguagem, bem como ser capaz de produzir mensagens, incorporando múltiplas fontes de linguagem.” (p. 131). E prossegue, explicando que:

[...] Cada vez mais é frequente a preocupação dos professores em inserir gêneros textuais diversos e recursos tecnológicos da sociedade moderna nas atividades realizadas em sala de aula”. Lemke (2000, p 269) ressalta que multiletramentos e gênero multimodais podem ser ensinados, mas é necessário que ‘professores e alunos estejam plenamente conscientes da existência de tais aspectos: o que eles são, para que eles são usados, que recursos empregam, como eles podem ser integrados um ao outro, como eles são tipicamente formatados, quais seus valores e limitações’. (p. 140).

Construindo o sentido de cidadão multiletrado, vejamos, em linhas gerais, o que significa ser alguém com múltiplas habilidades de uso de diferentes mídias, entre elas a escrita. Vejamos, ainda, que implicações educacionais decorrem deste novo modo de processar informações e imagens.

Já em 2002, os então chamados *novos letramentos* (habilidades, estratégias e *insights* necessários para lidar com as rápidas mudanças na tecnologia da informação) eram apontados como prioritários na Agenda Educacional Mundial. Segundo Leu Jr. (2002), eles apresentam as seguintes características:

- a) Mudam com regularidade;
- b) Dependem muito da habilidade de saber avaliar criticamente a informação;
- c) Incluem novas formas de conhecimento estratégico necessárias para localizar, avaliar e usar efetivamente os recursos disponíveis em redes como a Internet (agora extensivos à web 2.0);
- d) Trazem um apelo social mais forte que os letramentos convencionais impressos, implicando em desenvolver e cultivar estratégias sociais de aprendizagem, recorrendo à comunicação em rede para discutir e trabalhar ideias;
- e) Oferecem rica oportunidade para fortalecer tradições culturais no contato com outras culturas, apontando para uma educação multicultural e uma compreensão da diversidade cultural envolvida na sociedade globalizada;
- f) São construídos sobre os letramentos convencionais, mas sem, necessariamente, os substituírem. As habilidades de ler e de escrever textos são revalorizadas, seja agilizando a compreensão do que pode ser acessado eletronicamente, seja redigindo textos que possam ser facilmente esto-

cados e organizados para gerar conhecimento. Embora de importância crescente nos novos letramentos, a leitura e a escrita mudarão, assumindo novas formas – o texto combinado com imagens e recursos de novas mídias, *linkados* a complexas redes de informação, produzido para ser lido em telas digitais, o que traz inúmeras implicações para a habilidade de ler/escrever e como ressignificar essas habilidades no ensino.

A partir da discussão feita por Leu Jr. (2002), com base em Reinking et al. (1998), Bruce (1997), Leu et al. (1999) entende-se que os novos letramentos:

- Têm como elemento definidor a *mudança*;
- São construídos sobre letramentos prévios tradicionais;
- Demandam novas formas de conhecimento estratégico;
- Envolvem uma leitura mais crítica da informação e provêem novas definições de educação multicultural;
- São socialmente construídos,
- São alimentados pelo interesse e pela motivação, criando oportunidades ou situações que os sustentam;
- Implicam na valorização do papel do professor ;
- Também precisam ser ensinados formalmente, levando os governos do mundo todo a investirem em educação, introduzindo-os nos currículos escolares e na formação docente.

Uma década depois, esses prognósticos vêm se confirmando, especialmente com o a web 2.0 e as redes sociais, trazendo novos elementos para reflexão sobre políticas educacionais, que instigam à reflexão e abrem espaço a outros estudos. Da mesma forma, é prudente que este ensaio não seja conclusivo, já que nessa pós-moderna sociedade da tecnologia e da informação a mudança é a única certeza. Urgente é preparar os estudantes para letramentos futuros, tentando aprender e ensinar com as mudanças.

Referências

ANSTEY, M.; BULL, G. Definig Multiliteracies. In: ANSTEY, M.; BULL, G. **Teaching and Learning Multiliteracies: Changing Times, Changing Literacies**. Kensington Gardens- Australia/Newark-DE-USA: Australian Literacy Educator's Association-International Reading Association, 2006. p. 19-55.

BRUCE, B. C. Current issues and future directions. In. FLOOD, S. B. H; LAPP, D. (Eds.). **Handbook of research on teaching literacy through the communicative and visual arts**. New York: Simon & Schuster, 1997. p. 875-884.

BUCKINGHAM, D. et al. **The Media Literacy of Children and Young People: A review of the research literature on behalf of Ofcom**. London, University of London. Centre for the Study of Children Youth and Media Institute of Education.

BUZATO, M. E. K. Letramento e inclusão: do estado-nação à era das TIC. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 25, n. 1. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), 2009. 20 p. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502009000100001>>.

CASSANY, D. ; CASTELLÀ, J. M. Aproximación a la literacidad crítica. **PERSPECTIVA**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, v. 28, n. 2, p. 353-374, jul/dez. 2010. Disponível em: <<http://www.perspectiva.ufsc.br>>.

CONDEMARÍN, M. Redefinición de la literacidad y sus implicancias en el rol mediador del profesor frente a la tecnologia digital. **Lectura y Vida** Año 25, n. 2, p. 24-31, jun.2004.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. GAYDECZKA, B. BRITO, K. (orgs.). **Gêneros textuais: Reflexões e Ensino**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 131-144.

EDUCAREDE - Portal Educacional da América Latina. **Letramento Digital**. Disponível em:

<<http://www.educared.org.ar/aua/2007/intercambio/acesso>>. Acesso em: 23 ago. 2007.

GOMES, L. F. Letramento de professores universitários para usos da escrita em contexto pedagógico digital: algumas reflexões. **Revista Crop**. FFLCH/USP, v. 12, p. 83-108, 2007.

JENKINS, H. et al. **Confronting the Challenges of Participatory Culture: Media Education for the**

21 st. Century. Chicago, Illinois, The MacArthur Foundation, 2006. 66 p. Disponível em: < www.digitalllearning.macfound.org>.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KLEIMAN, A. B. (Org.) **Os Significados do Letramento**: Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

KRESS, G. Gains and losses: New forms of texts, knowledge, and learning. **Computers and Compositions**: An International Journal. Special Issue on the Influence of Gunther Kress' Work. New York: Elsevier Ireland Ltd. v. 22, n. 1, 2005, p. 5-22.

KRESS, G. & van LEEUWEN, T. **Reading Images**: The Grammar of Visual Design. London-New York: Routledge, 2006.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. (Editors). **Digital Literacies**: Concepts, Policies and Practices. New York: Peter Lang Publishing, Inc. 2008.

LEMKE, J. L. Letramento Metamidiático: Transformando significados e mídias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 49, n. 2, p. 455-479, jul./dez. 2010 [tradução autorizada pelo autor].

LEU, D. J. Jr. et al. The Miss Rumphius effect: Envisionments that transform literacy and learning on the Internet. **The Reading Teacher**, v. 52, n. 6, p. 636-642. Newark-Delaware: International Reading Association, Mar. 1999.

LEU, D. J. Jr.; DONALD J. Literacy and Technology: Deictic Consequences for Literacy Education in an Information Age. In: KAMIL, M. L. et al. (Eds.). **Handbook of Reading Research**, v.3. Mahwah, London, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publisher (LEA), 2000. p. 743-770.

LEU, Jr, D. J. The New Literacies: Research on Reading Instruction With the Internet. In: FARSTRUP, A. E.; SAMUELS, S. J. (Eds.). **What Research has to Say About Reading Instruction**. Newark-Delaware: International Reading Association, 2002. p. 310-336.

MARCUSCHI, L. A. **Da Fala para a Escrita**: Atividades de Retextualização. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

REINKING, D. et al. (Editors). **Handbook of Literacy and Technology**: transformations in a post-typographic world. Mahwah, NJ: Erlbaum, 1998.

SIGNORINI, I. (Org.) **Investigando a Relação Oral/Escreito e as Teorias do Letramento**. São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

SNYDER, I. Antes, agora, adiante: hipertexto, letramento e mudança (Tradução Then, now, next: hypertext, literacy and change). **Educação em Revista**, v. 26, n. 3, Belo Horizonte: Bookmark, dez. 2010.

SOARES, M. **Letramento**: Um tema em Três Gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, CEALE, 2000.

SYLVESTER, R.; GREENIDGE, W. Digital Storytelling: Extending the Potencial for Struggling Writers. **The Reading Teacher**, v. 63, n. 4, dec. 2009/jan. 2010, p. 284-295.

THE NEW LONDON GROUP. A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures. **Harvard Educacional Review**, v. 66, n. 1, 1996. 25 p. Disponível em: <http://wwwstatic.kern.org/file/blog-Write44manilaWebsite/paul/articles/A_Pedagogy_of_Multileteracies_Designing_Social_Futures_htm>.

van LEEUWEN, T. **Introducing Semiotics Social**. London-New York: Routledge, 2005.

VIEIRA, I. L. **Inventário de fontes e recursos da Internet para o letramento digital e o ensino da escrita** (Projeto IRILDE). Fortaleza, 2007. 27 p.

_____ Tecnologia e Ética no Trabalho Docente: Atitudes e Práticas do Professor na Pós-Modernidade. **Anais Digitais do IV Encontro Nacional de Hipertexto e Tecnologias Educacionais** (ISSN 1984-9117), Universidade de Sorocaba, São Paulo, set. 2011. Disponível em: <http://www.uniso.br/ead/hipertexto/anais/44_IutaLerche.pdf>.

VIEIRA, I. L.; MORAES, R. M. A. Usos da Web 2.0 no Ensino da Escrita e Letramentos Digitais: uma seleção de recursos. **Revista EducaOnline** v. 5, n. 1, jan/abr. 2011. Laboratório de Pesquisa em Tecnologias da Comunicação e Informação/Escola de Comunicação da UFRJ. Disponível em: <<http://www.latec.ufrj.br/revistaeducaonline/numeros.htm>>.